

Índice

Prefácio	
<i>João Mário Grilo</i>	11
Introdução	
<i>Nelson Araújo</i>	11
Os primórdios do cinema (1895–1920), de Elena Cordero-Hoyo	19
Cinema e vanguardas — entre o encantamento e o desencanto, de Mirian Tavares.	43
Cinema Clássico Americano, de Carlos Melo Ferreira	65
O Neorrealismo Italiano, de Carlos Melo Ferreira	87
A Nouvelle Vague — As origens da Nouvelle Vague, de José Bértolo	107
<i>Tercer Cine</i> ou a descolonização do cinema, de Paulo Cunha	129
Novo Cinema Alemão, de Liliana Rosa	157
O cinema nórdico, de Daniel Ribas	177
Cinema da(s) Rússia(s), de André Rui Graça	193
A renovação na Europa de Leste, de Sérgio Dias Branco	219
Cinema britânico, de Nelson Araújo	233

Itália no pós-Neorrealismo — Antonioni, Bertolucci, Fellini, Pasolini, Rossellini, Scola e Visconti, de Anabela Dinis Branco de Oliveira .	253
Ásia, um vasto histórico cinematográfico, de António Costa Valente	271
O novo cinema americano, de Ana Bela Morais e José Duarte	315
Nova Hollywood: pontos de fuga do cinema americano dos anos 60 e 70, de Luís Mendonça.	333
Os géneros na história do cinema, de Luís Nogueira	355
(R)Evoluções digitais, de José Alberto Pinheiro.	377
Cinemas africanos contemporâneos: demandas e reflexões, de Jusciele C. A. de Oliveira	401
Cinema independente, de Liliana Rosa e Nelson Araújo	393
Percurso pelo documentário: evolução histórica em geral e os filmes portugueses dos anos 90 em particular, de Manuela Penafria	413
Cinemas feministas, queer e decoloniais, de Michelle Sales.	491
O audiovisual contemporâneo — novos cinemas, de Antonio Fatorelli.	439
Os autores.	455

Prefácio

João Mário Grilo

Quando, em 1993, apresentei e defendi a minha tese de doutoramento, era muito diferente, em Portugal, a paisagem em torno do cinema como «objeto» de estudo, quer fosse tomada a perspetiva académica ou científica. Nesse contexto, creio mesmo ter sido o primeiro a referenciar numa bibliografia de doutoramento textos de Eisenstein, Balázs, Bazin ou Godard, por exemplo, sendo qualquer destes autores ignorados «oficialmente» pelo cânone da academia portuguesa da altura. Felizmente, hoje, tudo mudou: existem agora dezenas de cursos, disciplinas e seminários em quase todas as universidades portuguesas e nos mais diferentes níveis de graduação, dezenas de mestres e doutores, centenas de estudantes e investigadores, uma multiplicidade de projetos de investigação em curso ou recentemente concluídos, inúmeros colóquios, conferências, publicações, jornadas de reflexão e uma firme e progressiva internacionalização de todo este movimento. Existe mesmo uma associação de investigadores — AIM, Associação de Investigadores da Imagem em Movimento —, em boa hora surgida vai para mais de dez anos, e que é um perfeito sintoma desta agenda de afirmação dos estudos fílmicos em Portugal, a qual, no futuro, só poderá crescer e amadurecer.

De forma muito propositiva, esta *História do Cinema* que me convidaram a prefaciar é bem um feliz exemplo deste novo contexto, o que muito tempera, aliás, o assustador projeto de publicar hoje uma «história

do cinema», quase trinta anos depois de Jean-Luc Godard, com as suas *Histoire(s) du Cinéma* (1988), ter dado o golpe de misericórdia na «Grande Narrativa» de uma história do cinema mítica, monolítica e monumental. Porque, na verdade, sem ter receio do seu título, esta *História do Cinema* é também, à sua maneira, uma história plural, por abrigar diferentes histórias e pontos de vista provenientes de origens metodológicas e epistemológicas muito distintas. Vem-lhe então essa pluralidade, não de uma multiplicação de factos ou objetos, mas da reunião de um conjunto heterogéneo de especialidades e interesses disciplinares. Como escreve Nelson Araújo, no início da sua introdução,

a proximidade de pessoas com interesses comuns permitiu uma nova dinâmica autoral que tem vindo a requalificar o pensamento fílmico em Portugal. O entusiasmo pelo cinema aglutinou pessoas com os mais diversos interesses de investigação reforçando a amplitude e a pertinência daquela área de conhecimento. Esta nova geração tem avançado com múltiplas publicações e as mais diversas linhas de investigação, arvorando um território que, em Portugal, apresentava uma paisagem esquelética.

Desconheço se cada um dos quase vinte e dois autores deste volume escolheu trabalhar sobre um território específico de sua especial eleição. Calculo que não, mas nem considero que, em boa verdade, tal seja verdadeiramente importante. O que aqui realmente interessa é o modo como o projeto deste volume foi capaz de congregar à sua volta um conjunto bastante heterogéneo de investigadores em torno de um «comum» — o Cinema —, o qual, por diferentes razões, a todas estas autoras e a todos estes autores diz respeito. E só isso seria já motivo suficiente de celebração, pela inequívoca prova que faz da vitalidade teórica deste campo de estudos tarefa que o livro muito bem desempenha e certifica. No entanto, o interesse desta *História do Cinema* vai muito além desta «efemeridade» (sem que esta deixe de ter, evidentemente, o seu significado). A verdade é que cada um destes textos se apresenta como resultado de uma investigação séria e atualizada sobre um tema particular da

história do cinema, destacando ideias, metodologias, conceitos e referências que auxiliarão certamente novas gerações de investigadores a mapear territórios até agora relativamente afastados de uma divulgação pública digna em Portugal. Sendo que *História do Cinema* não deixa também de responder à sua missão mais convencional: ser um miradouro sobre muitos dos factos, filmes, criadores e criaturas do cinema, nisso proporcionando uma panorâmica diversificada, esclarecida e, como foi já dito, multifocal, sobre um vasto horizonte empírico e objetivo que assim adquire uma curiosa configuração «tridimensional».

De tudo o que procurei dizer, deve concluir-se que *História do Cinema* cumpre o propósito de ser uma obra referencial, fazendo prova de que os estudos fílmicos portugueses possuem já maturidade suficiente para produzir um trabalho ambicioso e englobante a este nível de responsabilidade pública. Ainda na sua introdução, Nelson Araújo fala de uma «geração AIM» para designar uma comunidade científica que haverá de ter pela frente a difícil missão de delinear o futuro da investigação e do ensino teórico e histórico sobre o cinema em Portugal. É uma boa designação, na qual penso que os colaboradores deste volume se reverão pelas melhores razões e na sua quase totalidade. Assim, este livro anuncia-se como um importante capítulo de uma história efetiva e já inteiramente em marcha, feita de múltiplas práticas de ligação entre cinema e pensamento, que hoje alimenta a curiosidade, o interesse e as carreiras científicas de uma nova comunidade que se tem vindo a substituir, paulatinamente, ao protagonismo cinéfilo e crítico de um «outrora» ainda recente. Finalmente, não deixa de ser pormenor curioso e saboroso que seja uma «História do Cinema» — nome e projeto que parece abrir a porta às mais funestas «tradições» — a criar este espaço de novidade, afirmação e, mesmo, corajosa e saudável (necessária) rutura.